

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA  
COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

DANIELLA CHRISTINA PERES ANDRADE  
JOSÉ CARLOS DE OLIVEIRA FILHO  
RENAN RIGO

**VOLÚPIA:**  
PRAZER PARA QUEM DÁ PRAZER

Goiânia  
2007

DANIELLA CHRISTINA PERES ANDRADE  
JOSÉ CARLOS DE OLIVEIRA FILHO  
RENAN RIGO

**VOLÚPIA:**  
PRAZER PARA QUEM DÁ PRAZER

Relatório do processo de realização do projeto experimental que resultou na edição de uma revista. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Goiás como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

**Área de atuação:** comunicação, cidadania e prostituição

**Orientador:** Prof. Dr. Juarez Ferraz de Maia.

Goiânia  
2007

DANIELLA CHRISTINA PERES ANDRADE  
JOSÉ CARLOS DE OLIVEIRA FILHO  
RENAN RIGO

**VOLÚPIA:**  
PRAZER PARA QUEM DÁ PRAZER

Relatório do processo de realização do projeto experimental que resultou na edição de uma revista. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Goiás como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof. Dr. Juarez Ferraz de Maia – UFG  
Presidente da banca

---

Prof<sup>a</sup>. Especialista Silvana Monteiro - UFG

Às profissionais do sexo pela dedicação ao prazer.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao professor e orientador Dr. Juarez Ferraz de Maia, pela confiança e empolgação.

A todos os colaboradores de Volúpia, que se doaram e acreditaram na concretização deste árduo trabalho.

Às inteligentes correções da professora Silvana Monteiro, que, com seriedade, leu nossos textos e indicou alternativas viáveis ao melhor desempenho dos mesmos.

Aos nossos pais, que sempre confiaram em nossos ideais.

“O dinheiro foi feito para as mulheres.  
De que ele serviria se elas não existissem?”  
Onassis

## **RESUMO**

As revistas femininas prezam por acompanhar o momento histórico vivido na sociedade, bem como por divulgar as tendências do momento ou até mesmo criá-las. Neste contexto, surge a idéia de uma revista voltada para uma categoria profissional marginalizada pelo senso comum: as profissionais do sexo que tanto têm estado presente na sociedade atual. A idéia é criar uma publicação voltada para este tipo de profissional, reconhecido pelo Ministério do Trabalho, mas que ainda luta pela regulamentação de seus direitos. Não se trata de uma apologia à prostituição, mas sim de um resgate à dignidade e à melhoria de vida destas mulheres, que necessitam de uma publicação capaz de esclarecer dúvidas relacionadas à saúde, leis, trabalho, comportamento e até mesmo para levar lazer e entretenimento a quem muitas vezes leva uma vida considerada "fácil" e que nem sempre é tão fácil assim. Este relato considera as diversas fases do processo de elaboração da revista Volúpia – destinada a essas profissionais.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>PRELIMINARES</b> .....	<b>09</b>
<b>2</b>	<b>POR QUE VOLÚPIA?</b> .....	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>CAMINHOS DO PRAZER</b> .....	<b>13</b>
<b>4</b>	<b>ENTENDENDO A PROSTITUIÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>5</b>	<b>IMPRESSÕES DA BATALHA</b> .....	<b>18</b>
5.1	O olhar de Daniella Christina .....	18
5.2	O olhar de José Carlos .....	19
5.3	O olhar de Renan Rigo .....	20
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>23</b>
	<b>APÊNDICE A</b> .....	<b>24</b>

## 1 PRELIMINARES

Tudo começou quando Daniella Christina, José Carlos e Renan Rigo, acadêmicos do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Goiás, em uma conversa casual, mais precisamente na cozinha da casa da estudante, decidiram formar um grupo para desenvolver um projeto experimental. Os três amigos estavam no último ano de faculdade e, por isso, precisavam fazer o tão temido Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Naquele dia várias idéias confusas passaram pelas suas cabeças como, por exemplo, filmar um documentário sobre os vendedores ambulantes do Eixão, escrever um livro reportagem sobre crianças abandonadas ou fazer uma revista. De imediato, as duas primeiras idéias foram excluídas, já que nenhum integrante possuía muita intimidade com as técnicas do audiovisual e, também, não contavam com tempo suficiente para colher informações para um livro reportagem. Além disso, ambas não eram nada originais.

Como os três gostavam de se aventurar pelos caminhos das reportagens e Renan possuía habilidade com a diagramação, a opção mais viável era elaborar uma revista. Agora faltava escolher o tipo da revista, público-alvo, assuntos e relevância. Tarefa difícil que não foi cumprida no mesmo dia. Só depois de algumas auras, a solução foi encontrada por Renan que, bastante animado, ligou para os colegas para contar a novidade e obter aprovação.

É claro que Daniella e José Carlos gostaram da sugestão de Renan: fazer uma revista feminina para as profissionais do sexo de Goiânia. Então, estava definido - o TCC dos três seria uma revista para as putas e, também, sobre as putas (com todo respeito). Faltava encontrar, também, um professor para orientar esse projeto experimental. E eles encontraram: Prof. Dr. Juarez Ferraz de Maia. Para surpresa dos acadêmicos, o docente não só aceitou o convite, mas também ficou empolgado com a idéia. Além disso, a surpresa foi maior, quando em um encontro com o orientador dias depois, ele revelou para os três que seu TCC, há muitos anos atrás, havia sido um documentário sobre prostitutas. Havia algo que ia além da coincidência!

## 2 POR QUE VOLÚPIA?

Em meio a tantos pensamentos mirabolantes, Renan sugere uma idéia para nosso TCC: uma revista feminina para um público especial – as profissionais do sexo. Mas, quais delas? Decidimos que seriam as de Goiânia, capital de Goiás, apesar de que ao final de tudo, nada impediria que uma revista como Volúpia tivesse circulação nacional.

Num primeiro momento, pensamos que se trataria de um projeto experimental ousado e que demandaria muito esforço para fazê-lo. Mas era isso que queríamos: algo diferente e que desse o que falar. Gostaríamos de ver toda nossa unidade acadêmica comentar e aguardar o resultado de nosso TCC.

No calor da emoção, cogitamos vários nomes para a publicação. Ousada, Lascívia, Dama da Noite, Luxúria... Enfim, concordamos: Volúpia. Mas por que Volúpia? Primeiro, descartamos as outras possibilidades. Ousada era interessante, mas já existia uma revista chamada *Ouse*. Dama da Noite? Não caiu muito bem. Lascívia era diferente, mas a palavra não é muito conhecida. Luxúria dava a idéia do pecado, no entanto, nosso trabalho não era apenas este lado. De repente, veio Volúpia. Pequeno, sonoro, forte. E uma simples idéia associada: o prazer. De acordo com a Mitologia grega, Volúpia era a Deusa do Prazer – filha de Psique (Alma) com Eros (Amor). Era uma fada que quando tocava na água transformava-se em sereia e tinha asas de borboleta gigante. O nome nos agradou sem exceção.

Ao olharmos no dicionário não tivemos dúvidas. Tinha de ser Volúpia. Conforme o dicionário *Michaelis*, Volúpia remete ao grande prazer dos sentidos, grande prazer em geral ou o prazer sexual. Que melhor forma de se dirigir a quem oferece serviços de prazer (o sexual), senão dando prazer por outros pontos de vista? Dirigir-se a essas mulheres para que consigam ver coisas prazerosas no seu dia-a-dia. Era esse o objetivo de todo o trabalho. Queríamos que o prazer estivesse nas entrelinhas, naquilo que fizesse bem a elas, num resgate de cidadania a toda classe. Não esquecendo, é claro, que a cidadania perpassa os caminhos do entretenimento e do lazer.

Entretanto, esse breve relato pode deixar uma pergunta no ar. Por que escolhemos essa idéia de fazer uma revista voltada para as profissionais do sexo e não outras? Uma resposta simples pode ser dada, mas por si só não se sustenta. Quanto à resposta, ela é a seguinte: as prostitutas estão em alta, ou melhor, estão com grande visibilidade. É impossível negar que Bebel, personagem de Paraíso Tropical, da Rede Globo de Televisão, não tenha sido um dos fatores que nos motivou essa escolha. A vida da garota de programa da novela das oito gerou interesse em grande parte dos brasileiros, inclusive, em nós mesmos. O sucesso

extrapolava a realidade. Os bordões da personagem caíam na boca do povo, sem contar o jeito malandro, moleque e fanfarrão que, mesmo não retratando a realidade de muitas – como viemos a descobrir depois – mostrava um certo modo de vida. Sem esquecer, que não era a primeira vez que uma personagem ligada à prostituição fazia sucesso entre a sociedade. Para quem costuma acompanhar telenovelas (que quase sempre tentam retratar a realidade) já apareceram na tela da TV prostitutas com dramas sociais, como a Capitu de Laços de Família (Rede Globo) e, mais recentemente, a Daniela de Vidas Opostas (Rede Record) que se prostituíam para sustentar a família.

Em outros meios, a prostituição também começou a ganhar mais espaço. Na literatura, Bruna Surfistinha e Vanessa de Oliveira tiveram seus livros consagrados como *best-sellers* depois de recordes de vendas. Nos telejornais, a sociedade começava a discutir outros lados, principalmente após o fechamento de uma famosa casa de shows, em São Paulo, Bahamas – acusada de favorecer a prostituição. Além do crescimento do debate sobre a legalização da profissão, especialmente no Congresso Nacional.

Contribuía ainda para os argumentos da existência de Volúpia, o fato de que prostitutas são um público potencialmente consumidor. Têm renda própria, mas muitas vezes não possuem informação. No Brasil são poucas as publicações direcionadas à categoria. Em Goiânia, não há sequer alguma voltada para elas. Então, o ineditismo dessa revista em nossa cidade por si só, também, justifica sua elaboração.

Ainda poderíamos considerar como argumento o papel social que a revista poderia exercer sobre essas mulheres. No Rio de Janeiro e em outras poucas cidades do Brasil, as prostitutas se organizam em associações para lutar por seus direitos. Quase sempre são acompanhadas por algum veículo de comunicação, que atua, até certo ponto, como legitimador de suas idéias. A Rede Brasileira de Prostitutas tem ao seu lado o jornal *Beijo da Rua*, que acompanha os últimos destaques ligados à profissão. O veículo circula nas diversas associações relacionadas à rede. Na Bahia, as prostitutas têm uma rádio, a Rádio Zona, com informações sobre cuidados com a saúde, DSTs e orientações para as prostitutas.

Mas o que justificaria financeiramente uma publicação como Volúpia? Publicidade. A prostituta é um público altamente consumidor de determinados produtos. Um exemplo muito bom são as camisinhas – usadas aos montes e todos os dias. Isso sem contar, sex shops e toda a gama de produtos, como lubrificantes, estimuladores, retardadores da ejaculação, cremes para massagem, fantasias, vibradores, além de motéis, hotéis, lingerie, roupas para a batalha e produtos de beleza.

Mas ainda faltavam muitas coisas para que a prostituição ficasse realmente clara para nós. Questionávamos: Como é a vida das profissionais do sexo de nossa cidade? O que leva uma mulher entrar para essa profissão? As prostitutas daqui se sentem representadas pela colega da TV? Em nossa revista, o que elas gostariam de ler?

### 3 CAMINHOS DO PRAZER

Prostituição internacional e tráfico de mulheres; história da prostituição; doenças sexualmente transmissíveis; moda; beleza; alimentos afrodisíacos; prostitutas de telenovelas... Esses temas e tantos outros poderiam estar na Volúpia. No entanto, decidimos ser mais prudentes e fazer uma pesquisa de campo para saber o que as profissionais do sexo da capital goiana gostariam de ler na publicação, além, é claro, de obtermos informações a respeito de como é a vida profissional delas.

Então, fizemos uma pesquisa de campo em duas etapas. Na primeira, falamos qual era nosso objetivo e entrevistamos, por telefone, dez garotas de programas que anunciam seus serviços em jornais impressos e sites. Cada uma delas nos respondeu um questionário (Apêndice A). Na segunda etapa, conversamos com mais dez profissionais de ruas, especialmente as que ficam nas imediações do Terminal do Dergo. Nessa abordagem, passamos por clientes, pois elas não nos dariam a devida atenção. Portanto, não tínhamos um roteiro fixo a ser seguido como foi feito na primeira fase.

Após a pesquisa, constatamos que deveríamos escolher os temas que pudessem gerar interesse junto às prostitutas, já que poucas delas souberam opinar o tipo de leitura que as agradariam na publicação. Para isso, realizamos uma reunião de pauta com a finalidade de discutir os assuntos das matérias jornalísticas que seriam veiculadas pela Volúpia. A decisão passou a ser nossa, mas, claro, sob a supervisão do professor orientador desse trabalho acadêmico.

Decidimos que Volúpia seria estruturada conforme um padrão de revista feminina. A publicação é aberta com uma Carta à leitora (ao invés de simples editorial) explicando o porquê de sua existência, como é este trabalho que chega diferente nas mãos da leitora, enfim, convidando-a a leitura. Em seqüência surgem notícias relacionadas ao meio, seguidas de quatro colunas, consideradas por nós, os pilares da idéia de Volúpia: direitos e deveres (Autoridade Cega), beleza (Turbinada), saúde (Uiuiui) e moda (Pisando Quente), além de uma entrevista em ping-pong. Logo, vêm as matérias propriamente ditas que acrescentam às idéias principais, os conceitos de cultura, prevenção, dia-a-dia, psicologia, cinema e história. Ao final, três indicações sobre cinema, acessórios para o trabalho e livros, fechados por uma página de entretenimento, que escolhemos colocar, nesta edição, os nomes populares dados à prostituta.

As pautas selecionadas foram, então, divididas entre nós conforme o interesse de cada um em relação aos temas que a revista abordaria. A partir daí, entramos em contato com

as fontes de cada matéria como: médicos, entidades governamentais, ONGs, psicólogos, advogados e personalidades da prostituição. Realizada a coleta de informações, partimos para a elaboração dos textos para a Volúpia. Após a conclusão desses, eles foram reunidos para leitura entre nós.

A edição dos textos passou por três etapas. A primeira foi realizada por nós, que corrigimos erros gramaticais e fizemos algumas alterações no material. O produto dessa primeira edição foi entregue a professora e jornalista, Silvana Monteiro, que, por sua vez apontou mais alguns erros e deu algumas sugestões, completando a segunda edição dos textos. Por fim, a terceira edição foi feita pelo professor orientador desse projeto.

Com os textos jornalísticos prontos, partimos para a parte de ilustração da revista. Nessa etapa do nosso trabalho, contamos com a colaboração da acadêmica de jornalismo da UFG e fotógrafa, Aline Mil. Decidimos realizar as fotos em dois momentos: um nas ruas com flagras e produção da prostituição explícita; e outro em ambiente fechado com fotos que remetessem à idéia da profissão.

O trabalho das ruas foi, no mínimo, curioso, pois chegamos a conclusão de que a maioria das profissionais ou não gosta ou tem medo de aparecer nas fotos. Em certos momentos chegamos a ser agredidos verbalmente – “por que você tá tirando foto aqui, sua piranha?” – mas nada que impedisse a realização do ensaio.

Para a produção em ambiente fechado, contratamos uma modelo que aceitou realizar o trabalho desde que não fosse identificada. Escolhemos então o motel mais luxuoso da cidade para que a publicação não ficasse devendo em nada ao requinte que a categoria merece. Claro que tudo teve um preço e, mesmo, sem muitos recursos financeiros investimos pesado para que Volúpia saísse da melhor maneira possível.

Finalmente, com todo material pronto, passamos para a diagramação da revista. Tivemos a colaboração da professora e designer Luciana Fernandes a respeito da elaboração das idéias e do projeto gráfico. Depois de muito diagramar, o resultado foi Volúpia: um projeto que agora está, literalmente, em nossas mãos.

## 4 ENTENDENDO A PROSTITUIÇÃO

Todos sabem o que significa o termo prostituição – ato de fazer sexo por uma determinada quantia de dinheiro. Para Gaspar (1988) o termo se caracteriza como uma forma de relação de troca impessoal que anula o vínculo afetivo entre a profissional do sexo e o cliente.

As primeiras casas de meretrício surgiram na Grécia, mais especificamente, na legislação de Sólon (de 640 a 560 AC). Esses locais eram públicos e as mulheres que lá trabalhavam eram protegidas pelo Estado. As casas que ficavam em áreas afastadas da cidade eram identificadas pelas lâmpadas coloridas e por pênis gigantesco esculpido nas portas de entrada (CAVALCANTI, 1990).

Já na Idade Média, as prostitutas foram perseguidas pela Igreja Católica, embora a instituição incentivasse a manutenção de bórdeis para evitar as investidas dos homens às mulheres castas ou casadas e, também, a prática da sodomia. Essa entendida como prática de relação anal, predominantemente, entre jovens do sexo masculino (RICHARDS, 1993).

A partir do século XVIII, outros espaços específicos para as prostitutas foram criados, as chamadas zonas da “luz vermelha”. Nesses locais, os canonistas obrigaram as profissionais a usarem roupas distintas, que serviriam como códigos de identificação e protegeria as mulheres respeitáveis de constrangimentos provocados pelos homens.

Já na primeira metade do século XX a indústria do sexo deixa de ser um dos focos de preocupação da sociedade, pois havia outras questões a serem pensadas:

A prostituição ficava em segundo plano diante da Primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa, a Grande Depressão, a ascensão do fascismo, a Guerra Civil Espanhola e, finalmente, o início de segundo conflito global ainda mais devastador. Entre tudo isso, o público tinha pouco tempo para dedicar aos erros e acertos da indústria do sexo (ROBERTS, 1998, p. 322).

Apesar de todos esses tipos de perseguições, a prostituição é hoje um fenômeno mundial. E o Brasil também não fica atrás, ou melhor, configura-se atualmente como um país de grande potencial nessa atividade. Para se ter uma idéia, há cerca de 75 mil brasileiras prostituindo no exterior. Somente na Espanha são 20 mil. Os dados são da Federação Internacional de Direitos Humanos e da Organização das Nações Unidas – ONU – (ROTHER, 2003).

Em nosso país, as primeiras prostitutas eram escravas aliciadas pelos seus senhores. O trabalho sexual das negras aumentava a renda de seus donos. Somente no início do século XX que houve uma transformação desse quadro. A chegada das “polacas” ou

“francesas” trouxe o reconhecimento da profissão de dançarina de cabaret e de *dancing* (localizados em áreas centrais e reservados para dança). Nesses locais, as dançarinas eram registradas, o que lhes permitiam alguns direitos e mais segurança para trabalharem. Embora não fosse permitido, muitas dançarinas se prostituíam nesses estabelecimentos (MENEZES, 1998).

Já as casas de prostituição eram reprimidas pelo Estado. Por causa disso, elas se localizavam em áreas mais afastadas dos grandes centros urbanos. Durante o século XIX e metade do século XX, as profissionais do sexo eram responsabilizadas pela proliferação da sífilis. Assim, os bordéis e as prostitutas eram vistos como perigosos focos de desordem social, sendo culpados pela má formação das crianças e pelo declínio moral da sociedade (CARRARA, 1996).

A constituição social da prostituta é abordada de diversas formas. Para alguns estudiosos, elas são vistas como seres moralmente degenerados, com alguma patologia relacionada ao seu caráter (LOMBROSO; CUNHA; BORGES apud MORAES, 1996). Já outros as consideram vítimas de um problema social, cultural e religioso (LÚCIA, 1986; ÂNGELO, 1982).

São várias as razões que levam as mulheres a entrarem na atividade da prostituição. Uma das respostas mais freqüentes e difundidas é a necessidade financeira (LEITE, 1992; MORAES, 1996). Todavia, há outras justificativas. Por meio de pesquisa, Gaspar (1998) revela que grande parte de suas entrevistadas disseram ter entrado para a prostituição por incentivo de amigas que já trabalhavam na área.

Quanto aos locais em que ocorre a prostituição, eles são variados. Podem ser em “casas de massagem”, “agências”, “casas noturnas”, “prostituição de rua”, “zonas”, entre outras denominações. É interessante destacar que, dependendo do local em que a profissional do sexo trabalha, pode ocorrer um sentimento de diferenciação entre elas. Segundo Nupec (1995, p. 49), “entre as garotas das casas de encontro, que atendem uma clientela de melhor nível socioeconômico, impera um sentimento de superioridade em relação às garotas de casas mais simples e principalmente quanto as de rua”.

Nesse sentido, Freitas (1985) destaca que há diferenças na identidade das prostitutas de rua e de bordel. Cada um dos grupos de mulheres reivindica o status de menos expostas socialmente do que as outras. As profissionais das casas de luxo acreditam que estão menos expostas e são moralmente mais dignas do que as que exercem suas atividades nas ruas. Por sua vez, as que trabalham nas ruas acreditam ser menos exploradas e expostas, por não estarem em um lugar identificado exclusivamente com a prostituição.

No entanto, quando vistas pela sociedade nem sempre há diferenciação:

Quando descritas pela maioria das pessoas, as profissionais do sexo são classificadas como sendo todas iguais, recebendo adjetivos como perigosas, sedutoras, escandalosas e violentas, características inerentes a toda e qualquer prostituta e que conferem a esse grupo um conjunto preciso de atributos que são partilhados por todos do grupo e que não se alteram (SILVA, 2005, p.90).

Seja nas ruas ou nas casas de prostituição, percebe-se que há uma grande rotatividade de profissionais:

As mulheres geralmente não trabalham muito tempo em um local, circulando entre as casas de prostituição, ou mesmo indo para outras cidades ou Estados em busca de melhores rendimentos. A rotatividade de mulheres entre locais de encontro se dá por diversos fatores: problemas de relacionamento com a direção da boate, viagens para outras cidades ou mesmo Estados. Um dos fatores nos chama a atenção: quando as mulheres saem de uma determinada casa de prostituição pela perda de seus atributos de beleza (OLTRAMARI, 1993, p. 179).

Nesse breve pesquisa bibliográfica, constata-se que a prostituição é um fenômeno complexo devido ao grande número de peculiaridades que envolvem cada caso de mulher prostituída. A seguir descreveremos nossas impressões sobre a prostituição em Goiânia, uma vez que tivemos um contato com essas profissionais do sexo.

## 5 IMPRESSÕES DA BATALHA

### 5.1 O olhar de Daniella Christina

Realizar o projeto Volúpia foi descobrir um mundo completamente novo. Particularmente, não conhecia nenhuma prostituta e pouco ou quase nada sabia sobre prostituição. A maioria das informações que eu possuía a respeito do assunto, chegava-me por meio da grande mídia e, geralmente, estava relacionada com a prostituição infantil ou o tráfico de mulheres. Ou seja, não sabia praticamente nada do lado humano das prostitutas: seus sentimentos, suas angústias, suas decepções, seus sonhos. Apesar do pouco conhecimento, sentia vontade de saber mais sobre as profissionais do sexo. Entretanto, ficava só na vontade. Isso até a Volúpia dar-me o empurrão que faltava.

Durante a minha infância, escutava as pessoas se referirem a certas mulheres com menosprezo e não entendia o porquê. Na cidade onde morava, Caiapônia, no interior de Goiás, as prostitutas tinham fama de serem destruidoras de casamentos. Era comum ouvir que fulana tomou o marido de ciclana e outras coisas do tipo. Enfim, tais mulheres não eram nada bem-quisitas pela maioria da população. Além disso, prostituta era sinônimo de vagabunda. O preconceito dominava. Infelizmente, as coisas não mudaram muito.

Ao conversar com algumas profissionais do sexo, desde as garotas de programa até as prostitutas de rua, pude compreender que a vida dessas mulheres não tem nada de fácil. Mesmo as que ganham bem, precisam se sujeitar a várias humilhações físicas ou verbais. Isso sem falar daquelas que, além de mal conseguirem o próprio sustento e de sua família, sofrem violência e exploração por parte dos clientes e dos agenciadores.

Dói descobrir que mulheres como Sandra se prostituem por causa do desemprego. É chocante, também, saber que Jane Eloy, prostituta que sempre usou preservativo nas relações sexuais com clientes, contraiu HIV do marido. Mas absurdo, é descobrir que, mesmo com a epidemia mundial de AIDS, muitos homens ainda pedem às profissionais do sexo para transarem sem camisinha (até em casos como o de Jane Eloy que os clientes sabem que a profissional do sexo é soropositiva). Isso sem falar que vários desses homens são casados e, quando contaminados por HIV, transmitem o vírus às esposas, contribuindo para o aumento de casos de AIDS entre as mulheres. A feminização da AIDS é um assunto preocupante não só do ponto de vista jornalístico, mas, principalmente, da sociedade.

Por fim, concluir a Volúpia é confirmar que a prostituição é uma profissão e, conseqüentemente, as prostitutas devem ter seus direitos garantidos e serem tratadas com

dignidade. Como jornalistas, podemos utilizar a informação como instrumento na luta dessas mulheres pela cidadania e no combate ao preconceito. Acredito que a Volúpia, ao longo de suas páginas, tentou fazer isso, ou seja, trouxe informação para as profissionais do sexo e, também, para as pessoas que desejam conhecer mais sobre a prostituição. Talvez se tivéssemos mais tempo e uma equipe maior, o resultado seria ainda melhor.

## **5.2 O olhar de José Carlos**

Desenvolver a revista Volúpia foi bastante prazeroso. Por conhecer algumas goianas que se prostituem na Europa e saber que elas são bem sucedidas financeiramente, tinha curiosidade de saber como é a vida profissional das prostitutas da minha cidade. Então, uma pergunta não saía da minha cabeça: será que as garotas de programa daqui ganham tanto dinheiro quanto minhas amigas “européias”, ao ponto, de terem casas, apartamentos, carros do ano, freqüentar melhores restaurantes e vestirem roupas de grifes internacionais?

Com o desenrolar da pesquisa de campo obtive algumas respostas. Percebi que em Goiânia há, claramente, duas classes de prostitutas: as que freqüentam casas de luxo e as de rua. As primeiras se enquadram no perfil das “européias”, pois recebem mais dinheiro pelo programa, freqüentam locais nobres e dizem ter conquistado algum patrimônio material. Já com as que batalham nas ruas, vi um cenário nenhum pouco luxuoso. Essas ficam a mercê de qualquer tipo de cliente, não possuem segurança nas ruas mal iluminadas, trabalham ao lado de bocas de fumo, estão expostas às chuvas, fazem programas em locais sem higiene, além de serem vistas pela sociedade com bandidas.

Todos esses pontos negativos da prostituição em Goiânia me fizeram refletir o quanto é duro a vida dessas profissionais. Nesse sentido, uma prostituta me fez sentir dó. Enquanto muitas delas se insinuavam e diziam palavras de baixo calão - ao tentarem me conquistar como cliente -, Sandra se comportou diferentemente das outras. Ela disse que se prostitui por estar desempregada. Sua justificativa me convenceu, uma vez que ela declarou que sairia da prostituição assim que arrumasse um emprego que lhe rendesse mais de R\$ 400.

Do ponto de vista jornalístico, todos os passos que demos nessa investigação de um mundo, para mim, não tão desconhecido foi fascinante. Descobrir os motivos - cada detalhe que leva e faz uma mulher permanecer na prostituição - me fez crescer pessoalmente, pois tinha algumas visões pré-concebidas e, quase sempre, preconceituosas a respeito dessa profissão.

Hoje, encaro a prostituição como um trabalho digno. Assim, desejo que Volúpia não sirva somente para matar a curiosidade de muitas pessoas, mas que ela seja instrumento de combate ao preconceito e discriminação sofridos pelas mulheres prostituídas. Espero, também, que as garotas de programas de Goiânia escutem o recado de Gabriela Leite, pois acredito que somente uma categoria unida de prostitutas pode encarar a dura luta pela busca de direitos e de combate aos estigmas que as envolvem.

### **5.3 O olhar de Renan Rigo**

A idéia de construir Volúpia veio, graças a Deus, no melhor momento possível. Estávamos às vésperas de nos matricular no TCC e não aparecia nada que nos agradasse. De repente (e foi de repente mesmo), tudo se juntou na minha cabeça: sucesso da Bebel na novela, mercado em potencial, resgate de cidadania e uma publicação inédita. Liguei para Zeca e Dani: Vamos fazer uma revista para as prostitutas! Eles (e todos que passavam a saber da nossa idéia) adoraram!

Volúpia foi, acima de tudo, um grande desafio. Muita gente duvidava se iríamos conseguir por meios legais, se iríamos fazer algo sério, até mesmo porque a primeira impressão que todos tinham ao saber da temática da revista era cair na risada. No entanto, no decorrer das abordagens, foi possível perceber que existia, sim, o lado cômico, o estereótipo, mas que nem tudo se resume a isso. Foi com nossas abordagens, entrevistas e experiências que pudemos reavaliar alguns pré-conceitos que existiam no senso comum e que quase sempre ou é muito escrachado ou muito deplorável.

Sem contar que fazer uma revista com uma equipe de três pessoas é fazer um esforço sobre-humano. Nesse sentido, fazer Volúpia foi trabalhar tempo, planejamento, articulação e, sobretudo, parcerias. Não foi uma revista construída apenas pelo esforço de Daniella, José Carlos e Renan. Foi com o apoio de designers, jornalistas, fotógrafa, ilustrador, professores, amigos... Sempre alguém dava alguma opinião, uma crítica, um apoio. E no final, tudo parece ter dado certo!

Além da experiência jornalística, o trabalho serviu para estabelecer alguns tocantes do ponto de vista ético da nossa profissão. Digo isto, porque trabalhar com a “minoria”, a quem muitos condenam é um exercício de “saber lidar com”: saber lidar com preconceitos, com estereótipos, com o senso comum e com ignorância de muita gente. Sem contar os casos em que era preciso avaliar o que entraria ou não dentro da revista. Desde o início buscamos resgatar o princípio de cidadania ao nosso público. Mesmo quando algumas reportagens se

voltavam mais sobre como é a profissão, nosso objetivo era mostrar para as meninas e para qualquer pessoa que pegasse a revista nas mãos, que a prostituição é uma profissão, com suas particularidades e dificuldades, como qualquer outra. A mulher profissional do sexo se revelou uma batalhadora, que muitas vezes é safada sim, mas que em outras busca o seu sustento e o de sua família.

Pudemos ver que as histórias de vida da maioria das garotas de programa são sofridas. Grande parte esconde da família, leva uma vida dupla, ou saiu do interior, de outros Estados. Tudo para tentar levar uma vida melhor. É muito fácil para quem está de fora condenar uma prostituta, por viver do sexo. Mas é para muitas, um dos poucos bens que possui. A rentabilidade é razoavelmente boa e para quem não tem nenhuma perspectiva é uma oportunidade e tanto.

Das mais de 20 garotas que entrevistamos para essa primeira edição de Volúpia, algumas histórias chamavam a atenção. A história de Sandra, uma prostituta do Dergo, por exemplo, foi uma das mais tocantes. Ela havia entrado há poucos meses na profissão e revelou para nós que só trabalhava assim porque estava desempregada e ainda não conseguira arranjar emprego. Disse-nos à noite, que teria passado o dia todo na rua espalhando currículos e enquanto esperava resposta fazia programas para sustentar seus filhos. Talvez fosse uma realidade muito comum para grande parte das garotas daquela região. Mas era triste ver que para ela não existia outra opção. E o pior, é que Sandra era uma moça bonita (corpo bem desenhado, traços fortes), mas cobrava apenas R\$ 20 pelo programa, enquanto outras menos agradáveis ao olhar cobravam até R\$ 50 pelo ofício. Causava indignação ver alguém tão ingênuo, se vendendo por tão pouco.

Talvez se uma iniciativa como Volúpia, pudesse melhorar isso. Em São Paulo, por exemplo, as prostitutas têm um sindicato próprio e há uma publicação (jornal) que circula entre elas. É uma forma de fortalecer-las enquanto profissionais. São situações que precisam ser melhoradas, e isso passa pelo papel do jornalista enquanto comunicador social.

A história de Sandra era bastante peculiar aos nossos olhos, mas outras garotas de programa também marcaram esta primeira edição de Volúpia. A maioria buscava clientes a qualquer custo. Eram roupas extravagantes, insinuações, provocações. Chálita, por exemplo, era uma personagem bastante curiosa. Encarnava a prostituta exagerada. Tinha roupas minúsculas, mesmo não tendo corpo escultural (era bem gordinha, para falar a verdade). Procurava seus clientes na penumbra, afastada das outras colegas. Alertou-nos para tomar cuidado com as outras meninas, dizia que poderiam nos roubar, que a maioria ali era traiçoeira (imagina o receio – eu que já sou medroso por natureza). Chálita era bem mais

velha que as outras meninas ali, já era prostituta há 18 anos, época em que fora abandonada pelo marido com um filho recém-nascido. A história dela e o seu tipo rendiam matéria. Retravam uma realidade mais senso comum. Talvez para um jornal socialmente “bem visto” rendia como uma das prostitutas que fosse apenas prostituta, sem nome e sem história, mas para a gente era mais. Tinha essência, e era o que mais importava.

E mesmo antes da conclusão da revista já passamos a enxergar a prostituição como uma profissão, que deveria ser mais respeitada, por sinal. Assim como médicos, advogados, jornalistas ou qualquer outro profissional, essas mulheres também desenvolvem atividades que exigem dedicação e responsabilidade. Elas devem ter cuidados com a saúde, com a aparência, bom relacionamento com o cliente, ética, princípios, tudo que qualquer outra profissão exige. Talvez por ainda não ser reconhecida legalmente, o papel do jornalista ainda é o de comunicador social, mantenedor da cidadania através da informação. O que para esta profissão é necessário está no poder que a informação e o conhecimento podem representar na luta pelos seus direitos. Ao meu ver, Volúpia tentar resgatar isso, tornando a prostituta uma profissional bem informada. O que nos dói o coração é saber que este veículo não passa de um projeto experimental. Talvez, se fosse uma realidade, muita garota por aí não se submeteria a perigos ou humilhações como muitas vezes acontece.

Se fossemos começar novamente, acredito que deveríamos agilizar mais o processo. Havia receio no começo, por parte da equipe. Receio por não conseguir, por falhar, por levar uma resposta que não queríamos (e que acabamos levando). Mas tudo acabou contribuindo para que Volúpia saísse como saiu. No final das contas, mesmo com os atrasos e deficiências, se tivéssemos realizando o trabalho novamente, Daniella, José Carlos e Renan, com as mesmas condições, e mesmas oportunidades, provavelmente o processo seria muito parecido do que foi feito na realidade. Nosso ritmo é assim, nossas escolhas são assim. Assim faríamos tudo – ou quase tudo – de novo. Se o resultado já é um sucesso (para nós só a conclusão já é um sucesso), se tivéssemos que fazê-lo, provavelmente faríamos do mesmo jeito, tudo de novo.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ÂNGELO, A. *A prostituição em debate: depoimentos, análises, procura de soluções*. 2. ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 1982.
- CARRARA, S. *Tributo a Vênus: A luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996.
- CAVALCANTI, R. da C. Prostitutas da Grécia: Frinéia. In: *Revista brasileira de sexualidade humana*, n.1, v.2, p.58-64, 1990.
- GASPAR, M. D. *Garotas de programa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- LÚCIA, A. *A difícil vida fácil: a prostituta e sua condição*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- MENEZES, L. M. de. Dancings e cabarés: trabalho e disciplina na noite carioca (1937-1950). In: BRUSCHINI, C.; DA, H. B. de (Orgs.). *Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil*. São Paulo: Editora 34: Fundação Getúlio Vargas, p. 249-280, 1998.
- MORAES, A. F. *Mulheres da vila: Prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- NUPEC. *Mulher – menina: um estudo da exploração sexual feminina infanto-juvenil em Teresina*. NUPEC/UFPI – CBIA. Teresina: Halley, 1995.
- OLTRAMARI, L. C. Profissionais do sexo e identidade: um levantamento das publicações relacionadas à prostituição no Brasil. In: *EPISTEME*, v.1, n. p.169-188, 1993.
- RICHARDS, J. *Sexo, desvio e danação: as minorias na idade média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- ROBERTS, Nickie. *As prostitutas na história*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Ventos, 1998.
- SILVA, Rogério Araújo da. Prostituição feminina em Goiânia: entendendo contextos identitários. In: *Sociedade e Cultura*. v.8, n.1, p. 83-96. Goiânia: Departamento de Ciências Sociais, FCHF/UFG, 2005.

## APÊNDICE A - Perfil das profissionais do sexo dos anúncios de jornais e sites

## PERFIL PESSOAL:

Nome:

Idade:

Estado Civil:

Filhos: ( ) SIM ( ) NÃO Quantos ( ) Idade dos filhos ( )

Escolaridade:

Naturalidade:

Profissão paralela:

Com quem você mora?

## PERFIL PROFISSIONAL:

1. Nome profissional:

2. Quanto tempo na profissão?

3. Em que local começou a se prostituir?

4. O que te levou à prostituição?

5. Sua família sabe de sua profissão?

6. Você se orgulha de sua profissão?

7. Qual o seu horário de trabalho?

8. Em quais locais você atende os seus clientes?

9. É agenciada por terceiros (cafetão / cafetina)? Como é essa relação?

10. Já teve algum problema com o agenciador?

11. Qual o máximo de programas que você já fez em um dia?

12. Qual o valor do programa?

13. Em média, qual a sua renda salarial mensal com a prostituição?

14. Caso tenha agenciamento, qual a porcentagem que o agenciador ganha com um programa realizado?

15. Qual o perfil do cliente? (homem, mulher ou casal)

16. Já teve problemas com cliente?

17. Qual o tipo de divulgação do seu trabalho? (jornal, internet, panfletos de casas de shows)

18. Já recebeu propostas profissionais para fazer vídeos eróticos / pornográficos, posar em revistas do ramo, etc?

19. Já se relacionou afetivamente com algum cliente?

20. Você se previne em todas as relações sexuais?
21. Já recebeu proposta para não usar preservativo em alguma relação com cliente?
22. Você faz exames preventivos regularmente?
23. Já foi diagnosticado alguma doença sexual?
24. Você faz todos os tipos de sexo? (anal, oral, grupal, homossexual)
25. Você oferece algum serviço especial além do ato sexual? (fantasias, acessórios, comidas...)
26. Qual a fantasia sexual mais diferente que um cliente te pediu?
27. Como você se produz para trabalhar?
28. O que não pode faltar na sua bolsa?
29. Como é o seu relacionamento com suas colegas de trabalho?
30. Já teve problemas com a polícia?
31. Já recebeu propostas para se prostituir no exterior? Tem vontade?
32. Você usa drogas?
33. Você gosta de ver sua profissão ser representada em novelas?
34. Você tem vontade de sair da vida?
35. O que você acha que deveria ter uma revista para prostitutas?